

Saussure já entendia que a verdadeira Lingüística é a sincrônica. Por isso é que os estruturalistas se apóiam no mestre suíço e se dão por discípulos seus. O movimento surgiu, pode-se dizer, do Círculo Lingüístico de Copenhague, mas quem lhe deu feição e lhe estabeleceu teoria, aliás rígida e sistemática, foi o dinamarquês Luis Hjelmslev, fundador da Glossemática e autor principalmente de *Principes de Grammaire Générale* e de *Prolegomena to a Theory of Language*. Aí propõe ele uma Gramática puramente sincrônica, renovadora, renegadora dos quadros tradicionais e aristotélicos, gramática que se dispõe a descrever estados de língua, entendida esta como um todo auto-suficiente e *sui-generis*. Não cabe aqui uma explicação, ainda que por alto, das posições e revoluções do lingüista germânico: remeto o leitor curioso para a exposição fiel, clara e rigorosa feita por Silvio Elia no seu excelente *Orientações da Lingüística Moderna* (Livraria Acadêmica, Rio, 1955, pp. 147-162). Aí se verá que a sistematização é difícil, complexa, excessivamente abstrata e direi mesmo abstrusa. Não acredito que venha a ter seguidores numerosos, menos ainda, que venha a formar escola. Baste como amostra este conceito de Llorach, um dos entusiastas e corifeus, autor de uma *Gramática Estrutural*: número é “morfema fundamental intenso que contrai recção nexual simultânea homonexual e heteronexual”. Mal comparando, parece até certas tiradas oratórias da Câmara dos Vereadores...

Está, pois, em crise a Gramática. Espero que da crise resulte um progresso, uma revisão racional, autêntica e proveitosa. Enquanto ela não se firma, padece a língua literária, padecem os estudantes, padece o ensino.

De qualquer modo já nos vamos beneficiando das revisões mais moderadas, que não rompem instantaneamente com a tradição, mas não compactuam com a rotina estéril, esterilizante e confusionista. Está nesta linha de boa revisão a recente *Gramática* de Rocha Lima, lançada pela Livraria Briguet e que será objeto de uma notícia e comentário num dos nossos próximos artigos, se Deus quiser.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18-8-1957.)

A HERANÇA DE CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.

(1946)

Dentre os escritores que versaram assuntos relativos à língua portuguesa, nenhum houve certamente que tivesse tido nos meios leigos ou entre os amadores tanto prestígio como Cândido de Figueiredo.

Tendo inaugurado o sistema dos “consultórios gramaticais”, pôs-se, nos jornais, a escrever sobre vernaculidade, incorreções, vícios, deformações, etc., ganhando, em breve tempo, imensa popularidade e fama de grande filólogo.

As suas “lições” e “respostas” sobreviveram ao efêmero das folhas das gazetas, juntaram-se em livros, cujas edições se sucederam, chegando o lexicógrafo ao fim da vida aureolado de glória e com respeitável bagagem de obras especializadas, várias nos assuntos tratados, mas solidarizadas na preocupação do purismo gramatical e no combate aos erros de toda casta.

Além de gramático, foi Cândido de Figueiredo operoso lexicógrafo e bom tradutor. Seu dicionário, o mais copioso do tempo em que foi escrito, chegou, em mãos do autor, à quarta edição e hoje navega em sexta, reprodução estereotipada da quinta, que foi atualizada e enriquecida por Jorge Daupiás.

Aqui nestas colunas já tivemos oportunidade de apreciar o Cândido de Figueiredo lexicógrafo: hoje nos ocuparemos do Cândido de Figueiredo filólogo.

Começando pela conclusão, diremos, sem embargo do *parce sepultis*, mas por sermos fiéis ao programa que nos traçamos, diremos que Figueiredo foi o mais pernicioso e ruinoso dos amadores da Filologia. Grandíssimo e dificilmente reparável foi o mal que ele fez e continua a fazer aos estudiosos e curiosos da vernaculidade e à ciência filológica.

Em virtude daquele prestígio a que atrás aludimos e à popularidade que teve, fez-se ele o principal responsável pela disseminação da “gramatiquice”, pelo descaso de muitos pelo estudo da língua e pelo descrédito da Filologia em certos meios.

Raramente encontramos hoje um homem de alguma cultura que não haja lido Cândido de Figueiredo e que não se tenha intoxicado com as doutrinas e idéias do gramático português.

Três vezes desastrada foi a facunda pregação figueirediana: inventou regras e multiplicou proibições e condenações; contribuiu poderosamente para se formar um conceito falso de Filologia; criou, animou e alimentou, até nossos dias, uma gramatiquice funesta, que desafia o esforço, o trabalho e o apostolado do bom magistério e dos veros filólogos e sabedores da língua.

a) Inventou regras e multiplicou proibições e condenações. Realmente não têm conta os preceitos, normas e doutrinas surgidas da imaginação do Sr. Cândido de Figueiredo e que, infelizmente, pegaram de galho.

Começou o popular gramático a sua atividade jornalística em 1890, publicando no *O Português* de Lisboa uma série de artigos intitulados *Lições aos Mestres*. Despreparado, falto da indispensável formação lingüística, alheio aos progressos da Filologia científica, - que já contava em Portugal nomes como Adolfo Coelho, Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos e outros, - enfim, desaperecebido do material necessário à tarefa que se propôs, entrou a distribuir sentenças à direita e à esquerda, fazendo-se de árbitro

supremo da vernaculidade, agindo quase sempre negativamente, isto é, apontando *erros* e *condenando* formas e construções, muitas vezes do melhor cunho português. O tom dogmático do infatigável vernaculista caiu no goto do público português, o que estimulou o escritor a prosseguir no caminho palmilhado. O público brasileiro foi nas mesmas águas que o público português e logo o superou na admiração a Cândido de Figueiredo, passando-se a contar por milhares, no Brasil, o número de devotos e sequazes entusiastas do homem das *Lições Práticas*.

Cedo surgiu quem viesse a campo a denunciar a ignorância do Sr. Figueiredo em matéria de Filologia. E esse foi ninguém menos que Leite de Vasconcelos, que, a partir de 10 de agosto de 1891, pelo jornal lisbonense *O Dia*, em artigos sucessivos, foi corrigindo os destemperos e desbastando a suficiência do pseudo-filólogo. Travou-se polêmica desigual entre os dois escritores, da qual resultaram, para a boa parte, dois livrinhos de Leite de Vasconcelos, *As “Lições de Linguagem” do Sr. Candido de Figueiredo* e *O Galho Depenado*, livrinhos que tiveram mais de uma edição e que foram, bem mais tarde, em 1929, incorporados no quarto volume dos *Opúsculos do Mestre* (pp. 927-1124).

Mas não foi só em Portugal que apareceu justa reação aos excessos do Sr. Figueiredo. Aqui no Brasil também se levantaram vozes em contradita ao verboso gramático, cujos erros foram analisados e rebatidos: Mário Barreto, no seu livro de estréia, hoje raríssimo, *Estudos de Língua Portuguesa* (Rio, Alves, 1903) e Heráclito Graça, no seu admirável e também raríssimo *Fatos da Linguagem* (Rio, 1904).

No entanto, apesar da seriedade das críticas e emendas, manteve-se o prestígio do gramático luso, de tal sorte que suas invencionices fizeram carreira. Aliás, é de lembrar que nem todos os erros de Figueiredo nasceram de seu cérebro, tanto é verdade que ele veiculou e divulgou algumas gramatiquices de antecessores seus.

Cumprir dizer ainda que muitas coisas materialmente certas afirmadas por Figueiredo trazem explicação falsa, o que é talvez mais grave, porque vai gerando nos leitores aquela ignorância que Platão achava pior que a ignorância rasa, ou seja, a insciência presumida. O discípulo de Figueiredo fica de posse de uma *doutrina* errada, e empavona-se, acastela-se naquele falso saber, tornando-se impermeável à verdade. Não há nada mais inexato que chamar a Cândido de Figueiredo filólogo, pois que neste terreno o homem era de extrema pobreza. Como diz Leite de Vasconcelos, “para o Sr. Cândido de Figueiredo a Filologia é como a túnica de Nesso: logo que ele se mete nos assuntos dessa ciência, fica queimado.” (*Opúsculos*, IV, Coimbra, 1929, pp. 1047-1048).

b) *Contribuiu poderosamente para se formar um conceito falso de Filologia*. Sim, não só por força do que acabamos de ver, isto é, a ignorância do nosso autor no que concerne à ciência filológica, como pelos métodos impróprios que empregou.

Já acenamos para uma das funestas conseqüências das filológicas do lexicógrafo, qual seja a de desenvolver nos seus leitores uma doutrina insustentável mas custosa de erradicar. Cabe-nos agora lembrar o tom das lições e os processos defeituosos empregados nos escritos gramaticais do nosso autor. O homem era dogmático e bastante leviano. Muito freqüentemente, tal coisa estava errada porque não lhe sabia bem. “Só os açougueiros dizem isso”; “os escrevedores, ainda os menos lidos, sabem que *neste* é a contração de *em este*, eliminando-se o primeiro *e* e substituindo-se *m* por *n*”; “nisto de nomes, Crispim amigo, cada qual se chama como quer... Não me pergunes pois a razão dos nomes próprios e dos apelidos, em português”; “este adjetivo [*ambos*] ... atrai sempre o pronome pessoal objetivo e terminativo”; “ambas as pronúncias [*rúbrica* e *rubrica*] são permitidas, e opto pela *rúbrica*”; “a gramática, ou seja de Bento [é Bento José de Oliveira], ou do Epifânio [é ninguém menos que o grande Epifânio Dias!], ou do Eufrásio [não se sabe de quem se trata], ensina muitas definições... mas... não ensina português”, e, noutro ponto, “não vou muito com o Epifânio”; etc., etc.

Ora, esse tom dogmático, pretensioso e leviano do Sr. Figueiredo faz crer a muita gente que isso de Filologia é questão de gosto e de opiniões: Fulano *acha* isso, Sicrano *acha* aquilo, Beltrano *acha* aquilo outro. E esse conceito é a negação mesma da *ciência* filológica, que é qualquer coisa de muito objetivo, consistente e permanente.

Ademais, o Sr. Figueiredo colocou mal um sem-número de problemas, aplicou métodos inaceitáveis em Filologia, meteu-se não raro a corrigir autores-modelos da língua literária (sempre que tais autores escreveram em desacordo com as *suas* regras), trazia abonações (as raras vezes que o fazia) sem indicar os lugares de onde as tirou, portanto sem selecionar edições (como se pode ver, em grande cópia, naquele trágico *O Problema da Colocação dos Pronomes*), citava sem critério, arrolando exemplos para provar a vernaculidade de um fato lingüístico, querendo com isto provar que a forma ou construção em contrário era errônea, etc. Aliás, este último processo, que contém um argumento paupérrimo, impressiona muita gente boa, razão por que se abre aqui um pequeno parêntesis para pôr os pingos nos ii.

Realmente, se alguém alega 300 exemplos para mostrar que, digamos, a forma de interrogar “que é isto?” está certa, daí não se pode concluir que “o que é isto?” seja erro. Se se alinham 200 frases de bons autores para provar que se faz próclise nas orações que têm por sujeito o indefinido *todos*, isso

não significa que a ênclise é inaceitável em tal caso. E assim, por diante. Quer dizer: provar alguém, por documento fotográfico, que tal pessoa existe não é provar, ao mesmo tempo, que tal outra já morreu ou nunca existiu...

Nesta surradíssima e felizmente resolvida questão da colocação dos pronomes foi negativa a contribuição de Figueiredo, porque ele criou ou popularizou a respeito uma falsíssima teoria que costumamos apelidar de *magnética*, qual seja, a de que tais ou quais palavras *atraem* o pronome oblíquo, e, além disso, fez crer aos apedeutas que é mais difícil colocar bem os pronomes em português, que dominar o sistema flexional do Sânscrito védico.

Em suma: os leitores e apreciadores de Cândido de Figueiredo fazem da Filologia a mais deformada das idéias e, por isso, não raro estranham e abominam os bons cultores e mestres da ciência. É difícilimo convencer aos que se acham ou que algum dia estiveram, direta ou indiretamente, na “zona de influência” de Figueiredo, é difícilimo convencer que a Filologia é *ciência de fatos* e não *jogo de opiniões*.

É claro que, ao lado de coisas erradas, disse Figueiredo coisas certas e às vezes até deu uma explicação correta para o caso que estava tratando. Porém, o leitor despreparado não está em condições de distinguir o bom do mau, pelo que fica desorientado, ao invés de aprender. Eis por que costumamos dizer que o Figueiredo não deve ser lido: os apedeutas se desnorteiam nos seus livros e ficam com a mentalidade deformada, e os que já têm critério e poderiam separar o joio do trigo nada têm que aprender do laborioso lexicógrafo...

c) *Criou, animou e sustentou, até nossos dias, uma gramatiquice funesta.* Já deixamos indicada, nas linhas acima, essa atividade do autor de *O Que se Não Deve Dizer*. Se ele inventou um sem-conto de preceitos e condenou inúmeras formas e construções vernáculas, se ele falseou nos seus leitores e admiradores o conceito de Filologia nada mais lhe resta que ser o pai e mentor da gramatiquice contemporânea.

Realmente, Figueiredo fez escola. Muitos lhe seguiram as pegadas, continuaram-lhe a obra, enriqueceram-lhe o código de proibições, imitaram-lhe o tom emproado e suficiente, tornaram-se mestres na palmatória, e fizeram-se temidos e respeitados em certas rodas porque “encontraram erros até em Camões”, “sabem análise lógica” (à moda deles, bem entendido!), “sabem colocar pronomes”, e “discutem com qualquer um” assuntos de vernaculidade.

Esse grupo de pseudofilólogos tem sua platéia e seu prestígio. Publicam livros, opúsculos e artigos, mantêm acesa a chama da gramatiquice, trabalham à luz e nos bastidores, supliciam alunos e candidatos a concursos, cuidam de manter inacessível o seu recinto sagrado, vedando-o com uma terminologia rebarbativa, classificações, divisões e subdivisões complicadíssimas e desanimadoras. São os pajés da Filologia.

Recentemente, batidos aqui e ali pelos bons elementos, eles lograram uma revivescência, com êxito estrondoso, nos tais “textos para corrigir”, armadilha em que caíram até filólogos de valor indiscutível, como um Sílvio Elia, por exemplo. O tal método negativo, que consiste em ensinar a escrever por meio de textos errados se transformou em quartel-general da gramatiquice. Todas aquelas invencionices que, felizmente, iam a caminho do esquecimento foram reavivadas e trazidas para os “textos errados”, que passaram a constituir tortura para os pobres candidatos a concursos e ocasião de prazer sádico para os pajés, os colecionadores de picuinhas e cata-piolhos de pronomes “mal colocados”.

Essa triste herança de Cândido de Figueiredo forma a resistência passiva à ação dos bons professores e filólogos verdadeiros, fornece pretextos para os defensores da “língua brasileira”, - que se insurgem, cheios de razão, contra as falsas regras de gramática impingidas à nossa chamada mocidade estudiosa -, e contribuiu poderosamente para o estado de decadência a que chegou a nossa pobre língua literária, pelo horror que a muitos escritores inspirou o impraticável estudo das normas da língua-padrão.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22-9-1946.)

QUE LÍNGUA SE FALA NO BRASIL?

(1966)

A questão do idioma é das que mais apaixonam as comunidades. Por ser a língua o mais cotidiano e o mais poderoso dos fatos sociais, sentem os homens que nela está o critério exterior primeiro distintivo de uma nacionalidade. Os bascos se reconhecem e se aglutinam pela língua, embora se achem divididos politicamente entre a Espanha e a França; os catalães usam sua língua para afirmar a nacionalidade; neste momento se encontram em viva dissensão os belgas, extremados entre flamengos e valões, sendo a língua, germânica ou românica, de uns e de outros, a senha de partido. As múltiplas nações encampadas sob o nome de União Soviética têm seu último bastião de resistência na língua, ciosa e penosamente guardada no recesso dos lares.

O Brasil é, no mundo de hoje, um dos países de mais forte e profunda unidade nacional. Não há aqui minorias, não há regionalismos agressivos e separatistas, o filho do imigrante se integra com a maior facilidade, e enfaticamente se proclama brasileiro, às vezes até com certo jacobinismo. Apesar da formação segregada dos diversos núcleos de povoamento e colonização, que fez com que o país até muito recentemente fosse um arquipélago, surgiu e solidificou-se uma consciência de nacionalidade, que